



De riba a moirão: considerações acerca do léxico do Livro de Tombo da Casa da Ponte

*From riba to moirão: considerations about the lexicon of the
Livro de Tombo da Casa da Ponte*

Clese Mary Prudente Correia*
Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Célia Marques Telles**
Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Resumo: Apresentam-se considerações referentes ao levantamento lexical e à análise diacrônica realizada em lexias presentes no *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, um manuscrito oitocentista, atualmente no acervo do Instituto Histórico Geográfico de Minas Gerais, que contém o tombamento ou inventário dos sítios e das fazendas de terras pertencentes ao Conde da Casa da Ponte. O estudo — que teve por base dicionários do século XIX (MORAIS, 1813; VIEIRA, 1871-1874; SOARES, 1889), período de produção (1819) e circulação do texto — evidencia o princípio de mobilidade da língua e o caráter excepcionalmente dinâmico do léxico, tais como expressões não mais utilizadas pelos usuários e palavras que permanecem em uso, embora com valores distintos daqueles registrados no documento ou somente em comunidades de fala específicas, representando assim uma fonte de dados empíricos para o estudo da língua portuguesa na perspectiva histórica.

Palavras-chave: Livro de Tombo da Casa da Ponte. Levantamento lexical. Análise diacrônica.

Abstract: Considerations are presented regarding the lexical survey and the diachronic analysis carried out on lexias present in the *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, a 19th century manuscript, currently in the collection of the Historical Geographic Institute of Minas Gerais which contains the listing or inventory of the land farms belonging to the Count of Casa da Ponte. The study, based on 19th century dictionaries (MORAIS, 1813; VIEIRA, 1871-1874; SOARES, 1889) which was the production (1819) and text circulation period, highlights the principle of language mobility and the exceptionally dynamic character of the lexicon, such as expressions no longer used by users and words that remain in use, although with different values from those recorded in the document or only in specific speech communities, thus representing a source of empirical data for the study of the Portuguese language in historical perspective.

Keywords: Livro de Tombo da Casa da Ponte. Lexical survey. Diachronic analysis.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O exercício de edição conservadora desenvolvido no documento *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, um manuscrito oitocentista que apresenta o tombamento ou inventário dos sítios e das fazendas de terras de sesmarias ou devolutas pertencentes ao Conde da Casa da Ponte, revelou a necessidade de uma ação complementar de resgate dos usos e acepções remotas de algumas unidades lexicais que exigem uma compreensão em seu

*Estudante de doutorado do PPGLinc, Universidade Federal da Bahia. E-mail: cleseprudente@gmail.com.

**Doutora em Linguística, professora titular da Universidade Federal da Bahia, pesquisadora do CNPq. E-mail: cmtelles@ufba.br.

contexto sócio-histórico e discursivo. Isso porque o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, como afirmam Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9), e constitui-se na dimensão linguística que mais diretamente reflete a mobilidade da língua, como esclarece Antunes (2012), ao comparar o léxico com a sintaxe e a fonologia, considerados pela autora como conjuntos “mais ou menos fechados” à renovação.

O léxico, ao contrário, é aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mas, também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para outro, de um tempo para outro (ANTUNES, 2012, p. 29).

Como exemplo da necessidade de compreensão das unidades lexicais no seu contexto histórico, considera-se a lexia *prédio*, usada repetidamente no manuscrito. Em obras lexicográficas do período de produção e circulação do texto, a palavra tem o sentido de “herdade, fazenda, terra, propriedade inamovível” (VIEIRA, 1873, v. 4, p. 898). Com um sentido diverso, a lexia é definida, em um dicionário contemporâneo, como “imóvel construído para qualquer finalidade; casa, edifício, construção de vários andares, industrial, comercial ou residencial” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2283).

Desse modo, para não comprometer a leitura do documento, atribuindo sentidos que as unidades lexicais não tinham no momento de sua produção, entende-se a necessidade de um levantamento e de uma análise diacrônica de algumas lexias, fundamentada em obras lexicográficas do período estudado. Com base na data de produção do manuscrito (1819), a fundamentação recaiu sobre as seguintes obras, levando em conta o período histórico e os contextos de uso observados:

- i. *Dicionario da lingua portuguezza*, de António de Moraes Silva, de 1813, 2ª edição da obra de 1789, publicada em dois volumes, acrescentada e aumentada. Conforme Murakawa (2007, p. 237), as duas edições do lexicógrafo brasileiro foram elaboradas com fundamentação lexicográfica própria e serviram de modelo para obras subsequentes.
- ii. *Grande dicionario portuguez ou thesouro da lingua portuguesa*, de Frei Domingos Vieira, publicado em 5 volumes entre 1871 e 1874. Como o nome indica, trata-se de um *thesaurus*, definido como um dicionário que incorpora todo o léxico de uma língua em diferentes períodos históricos (MURAKAWA, 2007, p. 237).

O levantamento de palavras de etimologia brasileira, como *catimba* e *capoeira*, fez surgir a necessidade de uso de um dicionário do vocabulário brasileiro no período, tendo em vista que as acepções apresentadas para essas unidades lexicais nos dicionários portugueses, acima referidos, consideram apenas a etimologia africana, e não se adaptam ao sentido expresso no texto. Desse modo, a análise foi complementada com a seguinte obra:

- iii. *Diccionario brasileiro da lingua portuguezza*, de Antonio Joaquim de Macedo Soares, edição de 1954 da obra publicada nos Anais da Biblioteca Nacional em 1889,

que traz como título completo de sua primeira edição: “Diccionario brasileiro da lingua portugueza. Elucidário etymologico-critico das palavras e phrases que, originarias do Brazil, ou aqui populares, se não encontram nos dictionarios da língua portugueza, ou nelles vêm com forma ou significação differente. 1875-1888” (SOARES, 1889). Segundo Isquerdo (2007), após essa publicação inicial, Macedo Soares “ampliou suas pesquisas anotando termos colhidos, seja de suas leituras, seja de forma direta no contato com pessoas de diferentes classes sociais” (ISQUERDO, 2007, p. 195).

A presença de um número considerável de unidades lexicais referentes a aspectos geográficos, como *corgo*, *morrote* e *taboleiro*¹, e a espécies vegetais específicas da região, como *amargozo*, *capim pubo* e *itapicurú*, despertou também para a necessidade de informações fornecidas por obras terminológicas, aquelas que se ocupam de um subconjunto do léxico e apresentam um conjunto vocabular próprio de uma ciência, técnica, arte ou atividade profissional (ALMEIDA, 2012).

Desse modo, para suprir a necessidade de dicionários que apresentem um vocabulário especializado nas áreas de Geografia e Botânica, a relação de obras lexicográficas utilizadas para a compreensão do léxico do *Livro de Tombo da Casa da Ponte* foi complementada com os seguintes trabalhos:

- iv. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*, de Bernardino José de Souza, edição de 2004 da obra publicada inicialmente em 1910 (1ª edição), com o título *Nomenclatura geográfica peculiar ao Brasil*, e em 1927 (2ª edição), nomeada *Onomástica geral da geografia brasileira*. No prefácio à 1ª edição, Afrânio Peixoto assim a descreve:

Foi o que quis o autor? Foi o que fez, além do que quis. E se não o viu, na sua modéstia, pensando ter apenas feito um sábio *dicionário de brasileirismos geográficos*, dou-me por feliz em lho mostrar, e aos que nos lerem. Não é pouco, nem vulgar, um retrato, parecido, do Brasil. E que belo retrato! (PEIXOTO, 2004 [1927; 1910], p. viii, grifo do autor).

- v. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*, coleção em 6 volumes de autoria do botânico e naturalista do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Manuel Pio Corrêa (1984 [1926]), pesquisador do Museu de História Natural de Paris. A coleção foi publicada, em primeiras edições, a partir de 1926 pelo Ministério da Agricultura e reimpressa em 1984.

A compreensão das unidades lexicais citadas acima como exemplos do léxico especializado presente na obra editada foi desenvolvida com base nessas obras terminológicas, dentro da área de especialidade de cada uma, como se apresenta a seguir. As definições são acompanhadas de ocorrências presentes no *Livro de Tombo da Casa da Ponte*.

¹ Na edição semidiplomática do *Livro de Tombo da Casa da Ponte* foi mantida a grafia original do texto.

Amargozo, s. m. *Picrasma palo-amargo* Speg. Árvore de pequena altura, até 5 metros, da família das Simarubáceas. Sua madeira extremamente amarga possui inúmeras virtudes medicinais (CORRÊA, 1984 [1926]). “... *edabi direito á Cruz que está no páo de amargozo seguindo a estrada dos Lençoes abaixo...*” (f. 29r, L. 2-4).

Capim pubo, s. m. *Andropogon bicornis* L. Planta de forragem regular que aparece em terrenos argilosos em que foram devastadas as matas virgens (CORRÊA, 1984 [1926]). “... *donde faz barra no Riacho de capim pubo o Riacho da Capoeira...*” (f. 19v, L. 24-26).

Corgo, s. m. Riacho, córrego, regueiro; represa das águas do rio cheio em estreitos vales marginais (SOUZA, 2004 [1927; 2010]). “... *epelo d(itt)o Riachinbo d’agoa branca acima até as suas Cabeceiras ou acabamento, edo d(itt)o Corgo cortar á Rumo direito até a Serra geral, ...*” (f. 33v, L. 4-7).

Itapicurú, s. f. *Goniorbaxis marginata* Taub. Árvore grande, de 10 a 18 metros de altura, da família das Leguminosas-Cesalpiniáceas (CORRÊA, 1984 [1926]). “... *o qual se extrema em hum páo de Itapicurú que tem uma cruz, ...*” (f. 28r, L. 5-6).

Morrote, s. m. Pequeno morro (SOUZA, 2004 [1927; 2010]). “... *o qual se extrema com o Sitio do Boqueirão no morrote que tem no fim das Capoeiras da lagoinha bindo para o Boqueirão...*” (f. 38r, L. 9-11).

Taboleiro, s. m. Trecho de terra de poucas árvores e quase nenhum arbusto (SOUZA, 2004 [1927; 2010]). “... *donde confrontar com a passage do Taboleiro no Riacho dos lençoes, ...*” (f. 32r, L. 15-16).

Para a análise diacrônica pretendida, o conjunto foi concluído com o seguinte trabalho lexicográfico contemporâneo, reconhecido entre os estudiosos da área como um dicionário de grande porte e dos mais completos em língua portuguesa:

- vi. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, publicado em primeira edição em 2001 pelo Instituto Houaiss de Lexicografia, organizado por Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar e Francisco Manoel de Melo Franco. Contém ele informações importantes para uma análise diacrônica, como data aproximada da primeira utilização da lexia, origem etimológica, morfologia e definições em diferentes áreas do conhecimento.

2 O TEXTO COMO FONTE DE ESTUDO DA LÍNGUA

O uso de textos escritos para estudo da língua é um recurso necessário, considerando, como defendem Lose e Telles (2017), que, para a descrição de sincronias passadas às quais já não se tem acesso direto, o pesquisador depende da documentação escrita, tendo em vista que “o texto é testemunho da língua” (TELLES, 2000, p. 99) e

“um documento de fatos linguísticos” (TELLES, 2008, p. 29). Especialmente os manuscritos que, mesmo após a propagação da tipografia permaneceram como meios de circulação de produções literárias, religiosas ou técnicas, fornecem dados importantes para os estudos linguísticos e para a compreensão do passado, desde que tenham sido preparados sob rigor filológico e representem uma base segura e confiável, como esclarece Telles (2000):

[...] para uma boa documentação dos fatos de língua é necessário dispor-se de bons textos, o que só se consegue utilizando-se uma edição crítica, que ofereça um texto próximo à realidade linguística do seu tempo e do seu autor (TELLES, 2000, p. 103).

Nessa perspectiva, para contar com um texto fidedigno e confiável, o manuscrito *Livro de Tombo da Casa da Ponte* foi previamente recuperado através de uma edição semidiplomática, que procurou conservar as características da língua em que foi lavrado, mantendo a grafia, a pontuação, a acentuação e a divisão de linhas do documento. No entanto, para tornar a leitura mais acessível, realizou-se o desdobramento das inúmeras abreviaturas presentes, escrevendo-se, entre parênteses, as letras omitidas.

Atualmente no acervo do Instituto Histórico Geográfico de Minas Gerais, o documento, com 52 folhas, reto e verso, apresenta local (“Bahia”), data (“5 de fevereiro de 1819”) e autoria (“Pedro Francisco de Castro”) expressos em três momentos: no termo de abertura (f. 1r), nas orientações referentes ao inventário (f. 8r) e no termo de encerramento do *Livro de Tombo* (f. 49v). Apresenta também o autor como sendo Administrador e Procurador Geral dos Bens e Dependências pertencentes ao Conde da Ponte no Brasil, o que significa que, condizente com a sua função, possuía habilidade de escrita e um bom grau de instrução.

3 O LÉXICO DO *LIVRO DE TOMBO DA CASA DA PONTE*

O levantamento lexical e a análise realizada nas lexias selecionadas, com base no referencial teórico lexicográfico referido, envolve cerca de cem unidades lexicais e permitem algumas considerações significativas sobre o uso do documento como fonte de estudo do português oitocentista. Em um primeiro momento, percebe-se a instabilidade gráfica do *scriptor* que tanto aproxima a grafia da identidade sonora da palavra quanto de sua etimologia. Essa característica da escrita oitocentista pode ser observada nas formas variadas em que a lexia *distrito* foi grafada no texto, um forte indício da realização fônica das vogais médias pretônicas (TELLES, 2019).

Districto: “...*Situados no Certaõ do Rio pardo, Districto de Minas novas Commarca da Villa do Príncipe doSerro frio, Capitania de Minas geraes, ...*” (f. 1r, L. 4-7).

Destricto: “... *se achaõ escriptu-rados os Predios arrendados, ou devolutos situados em cada hum dos Destrictos, ...*” (f. 7r, L. 21-23).

Em relação ao exemplo acima, considera-se como Telles (2009, p. 240) que a oscilação no grafema usado para representar a vogal média pretônica pode representar

uma interferência da fala na escrita, enquanto o uso da consoante muda no grupo <ct> evidencia a tendência etimologizante de aproximar a escrita da origem latina da lexia: *districtus* (CUNHA, 2013, p. 224).

Além das formas gráficas, alguns aspectos identificados no levantamento lexical comprovam o princípio de mobilidade da língua e o caráter excepcionalmente dinâmico do léxico, tais como expressões não mais utilizadas pelos usuários e palavras que permanecem em uso, embora com valores distintos daqueles registrados no documento ou somente em comunidades de fala específicas.

Nesse sentido, um primeiro aspecto identificado refere-se à existência de lexias que, sob a perspectiva da língua correntemente em uso, são consideradas arcaísmos, ou seja, unidades lexicais que, por razões diversas, caíram no esquecimento da comunidade linguística e deixaram de ser utilizadas, como o exemplo citado abaixo.

Hereo, s. m. Herdeiro, proprietário (VIEIRA, v. 3, 1873). “... e quando obtenha essa licença de mudar o nome, ou extremas sem prejuízo dos Hereos confinantes, hade passar novo arrendamento no respectivo Livro, ...” (f. 7v, L. 14-16).

No documento, encontram-se também lexias que permanecem em uso, embora não mais com o sentido expresso no texto oitocentista. Nesses casos, os exemplos identificados sofreram um processo de mudança semântica entre os dois estados de língua analisados, como acontece com a lexia *prédio*, citada na introdução deste artigo, ou incorporaram novos significados, como as unidades que se referem a moedas vigentes na época de produção do manuscrito: *tostões* e *réis*.

Tostoens, s. m. pl. Moeda de prata que vale 100 reis na moeda portuguesa do fim do século XIX (VIEIRA, v. 5, 1874). “... Sítio de que paga Renda Manoel João Corrêa, a quantia de des tostoens p(o)r anno, ...” (f. 24r, L. 12-14).

Tostão, s. m. Soma geralmente pouca de dinheiro (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001).

Em outros casos, a forma arcaica de algumas lexias presentes no documento oitocentista passa por um processo de mudança fonética, conservando, na língua correntemente em uso, o sentido expresso no manuscrito. Como exemplos, destacam-se as alternâncias *vareda/vereda* e *moirão/mourão*.

Vareda, s. f. Caminho estreito, em oposição a estrada real (VIEIRA, v. 5, 1874) “... o d(itt)o veio d’agoa, e para a parte do Poente extremado pela de cima em hum Capamzinho que tem na dita Vargem, e da hi vareda acima...” (f. 13v, L. 23-25).

Vereda, s. f. Caminho estreito, atalho (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001).

Moirão, s. m. Poste, estaca mais grossa que as outras, ou pedra verticalmente posta, para fazer cercas ou marcações (VIEIRA, v. 4, 1873). “... veio d’agoa acima até confrontar com um moirão de Arueira donde faz extrema com Manoel Antonio de Avelar, ...” (f. 23v, L. 13-15).

Mourão, s. m. Cada uma das estacas mais grossas ou postes nas estacadas, à qual são fixadas horizontalmente varas mais finas, formando uma cerca (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001).

Outro aspecto a ser considerado refere-se à conservação de lexias utilizadas no manuscrito oitocentista na variante popular da língua portuguesa brasileira, o dialeto rural, ou dialeto caipira (AMARAL, 1920). São exemplos desse fato as lexias *riba* e *a riba*.

Riba, s. f. Outeirinho, colina ou terra levantada ou sobranceira a um rio, caminho, povoação etc. **A riba**, loc. adv. Acima (VIEIRA, v. 4, 1872). “... e desta Rumo direito ao Riacho do Cedro e p(o)r elle a riba té confrontar com a Varginha...” (f. 26v, L. 25-26).

Arriba, adv. (1188) Acima, para cima, para adiante, adiante. Etim. composição da preposição *a* com o substantivo *riba* (< lat. *rīpa*, *ae* ‘margem, em geral de rio, costa, litoral’) (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001).

A conservação das lexias *riba* e *arriba* no dialeto rural pode ser explicada pelo fato de essa variedade da língua concentrar-se em regiões distantes da urbanização e sem muito acesso aos meios de comunicação. Desse modo, por estar afastado da zona urbana, onde impera a cultura escrita, o dialeto rural constitui rica fonte de estudo por conservar traços do português antigo. Para Amaral (1920), o vocabulário do dialeto caipira “é formado, em parte, de elementos oriundos do português usado pelo primitivo colonizador, muitos dos quais se arcaizaram na língua culta” (AMARAL, 1920, p. 55).

Os fatos linguísticos aqui identificados reforçam o que pensa Antunes (2012) sobre o caráter essencialmente móvel do léxico das línguas naturais e a dinâmica interna das palavras, “que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para outro, de um tempo para outro” (ANTUNES, 2012, p. 29). Para Biderman (2001), essa mobilidade ocorre porque, como um sistema aberto e em contínua expansão, o léxico incorpora as mudanças sociais e culturais da comunidade e, por conta disso,

[...] unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações (BIDERMAN, 2001, p.179).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de demonstrar o princípio de mobilidade da língua e o caráter excepcionalmente dinâmico do léxico a partir de um manuscrito oitocentista, pretendeu-se também destacar a importância da qualidade do texto editado para a análise dos exemplos selecionados neste estudo. Uma edição modernizada, que promova adaptações na grafia original, pode comprometer o texto e prejudicar o seu uso como fonte de dados para o estudo da língua.

Entende-se assim, como Telles (2009), que, para que seja considerado como um documento confiável dos fatos de língua, a edição precisa ser conservadora e fiel à grafia

do manuscrito, permitindo que seja usada “para a compreensão do momento cultural representado pelo texto (e pelo seu autor)” (TELLES, 2009, p. 257).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. M. de B. Terminologia: o que é e como se faz. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (Orgs.) *Ciências da Linguagem: o fazer científico?* Campinas: Mercado de Letras, 2012, p. 197-229.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1920.

ANTUNES, I. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CORRÊA, M. P. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, 1984 [1926].

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

ISQUERDO, A. N. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. A. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: EDUFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 193-208.

LOSE, A. D.; TELLES, C. M. Qual edição e o que editar. *Revista A Cor das Letras*, Feira de Santana-BA, v. 18, n. 2, p. 271-293, maio-ago. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/index>.

MORAES SILVA, A. *Dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacérquina, 1813 [1789].

MURAKAWA, C. A. A. Modelos de verbetes em dicionários clássicos de língua portuguesa. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: EDUFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 235-245.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. Apresentação. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: EDUFMS, 2001, p. 9-11.

PEIXOTO, A. Prefácio. In: SOUZA, B. J. *Dicionário da terra e da gente do Brasil; onomástica geral da geografia brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004 [1927; 2010]. p. vii-viii.

SOARES, A. J. M. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1889. Disponível em:
<<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=76018>>. Acesso em: 8 jul. 2019.

SOARES, A. J. M. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

SOUZA, B. J. *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004 [1927; 2010].

TELLES, C. M. Representação das vogais pretônicas nos Livros do Tombo. In: HORA, D. da; BATTISTI, E.; MONARETTO, V. O. (coord.). *Mudança fônica do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 226-257. v. 3 da História do Português Brasileiro, coord. geral de Ataliba T. de Castilho.

TELLES, C. M. A Chamada lição conservadora na edição de textos. *Scripta Philologica*, Feira de Santana-BA, n. 5. 2009, p. 253-266.

TELLES, C. M. Textos escritos por mãos inábeis, sua importância para o estudo da fonologia. *Calidoscópio*, São Leopoldo-RS, v. 6. 2008, p. 28-36.

TELLES, C. M. Mudanças lingüísticas e crítica textual. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador. n. 25-26, jan.-dez. 2000, p. 91-119.

VIEIRA, F. D. *Grande dicionário português ou thesouro da língua portuguesa*. Porto: Ernesto Chradron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874, 5v.